

1.

Introdução

Meu trabalho está vinculado ao projeto *Práticas Discursivas da Comunidade e Representação Social na Prevenção e Educação no Combate à Tuberculose* que vem sendo desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Linguagem, Cultura e Trabalho (PUC-Rio - CNPq), sob a liderança da Profa. Maria das Graças Dias Pereira. O projeto surge da demanda social e acadêmica do Instituto Vila Rosário, através do Prof. Dr. Cláudio Costa Neto, coordenador do Instituto, que, em 19/06/2009, apresentou ao grupo o trabalho feito por sua equipe na região de Vila Rosário (Duque de Caxias – Rio de Janeiro). Nessa reunião, Costa Neto trouxe questões relacionadas às atividades do dia a dia da organização.

Dentre os temas tratados, foram enfatizadas a falta de controle sobre a tuberculose e as más condições de vida da grande maioria dos moradores da região. Ele acresce a esse contexto de precariedade material, a falta de acesso à informação, que acabaria inserindo a comunidade na cadeia da miséria e da doença (Costa Neto, 2002, 2003, 2004, 2007).

Considero, no entanto, que as mesmas práticas populares que são entendidas como nocivas à saúde, na concepção biomédica, fazem parte do cotidiano dessa comunidade, estando inscritas em redes de significados socialmente construídas (Nunes et al, 2002). Por isso, enxergar o grupo somente por meio de suas dificuldades mais aparentes, geralmente tomadas como o problema em si, contribui para visões que tendem a culpabilizar ou recriminar comportamentos que, por sua vez, naturalizam o movimento de afastamento puro e simples de seu meio de origem, para institucionalizar os problemas durante um longo período, impondo aos moradores a necessidade de mudarem sua conduta (Canesqui, 2007).

A compreensão das dificuldades como sinais da fragilização extrema de grupos familiares, em condições limites de precariedade material, social e emocional, poderia orientar a elaboração e a implementação de abordagens mais humanistas, capazes de levar em conta a dignidade de todos, sem perder de vista, logicamente, a importância de proteger os moradores em seus direitos básicos, incluindo a convivência familiar e comunitária (Canesqui, 2007). Sendo assim, é importante que o Instituto, como uma instituição de apoio à comunidade, conheça

a realidade “por dentro” para que não apenas imponha novos hábitos relacionados ao combate de doenças na comunidade, mas também conheça o universo moral que permeia a vida dessas pessoas.

Buscando o envolvimento com a comunidade para conhecê-la de uma forma mais participativa, meu trabalho seguiu a trajetória de visitas de uma das agentes comunitárias de saúde desse Instituto para conhecer suas famílias. Ressalto que a família é a célula de um tecido maior, que, nesse caso, é a comunidade de Vila Rosário, a qual, como apresentarei, se mostra bastante heterogênea, na configuração das famílias e identidades sociais co-construídas durante as visitas.

Entre os trabalhadores urbanos¹, a família é definida em torno de um eixo moral, no qual não há necessidade da mediação de vínculos de sangue (Sarti, 1994). A família está associada ao grupo de pessoas nas quais se pode confiar. Sua constituição não está limitada à pertinência a um grupo genealógico (Woortmann, 1987).

A família, apesar de todos os argumentos que garantem seu enfraquecimento, permanece como uma instituição essencial de socialização, de tolerância e de buscas coletivas de estratégias de sobrevivência. Ferrari & Kaloustian (2004) chamam atenção também para a importância da família para a prática da cidadania, de acordo com critérios de igualdade, de respeito e dos direitos humanos.

Por toda a demanda existente em Vila Rosário e por considerar a família como peça fundamental de qualquer comunidade, visto que ela é espaço privilegiado de socialização, de prática de tolerância e divisão de responsabilidades, de busca coletiva de estratégias de sobrevivência e lugar inicial para o exercício da cidadania sob o parâmetro da igualdade, do respeito e dos direitos humanos (Ferrari & Kaloustian, 2004), compreendo que é nessa

¹ Apesar de o trabalho de Cynthia Sarti ter uma grande importância para o desenvolvimento de minha pesquisa, procuro não incorrer no risco de estigmatizar com a utilização da categoria “pobre” ao tratar dos moradores de Vila Rosário. Essa categoria emergiu no trabalho dessa antropóloga, enquanto autodefinição de seus entrevistados e a definição dos “outros” sobre essa classe. Essa categoria nativa traz em si toda uma carga simbólica positiva relacionada ao trabalho, à moral, em uma sociedade marcada por valores.

Rejeitando essa categoria, opto pelo termo “trabalhadores urbanos” (Guedes e Lima, 2006), na qual fica bem delineada a forte relação dos moradores do Morro do Sossego com o trabalho. Esta categoria ultrapassa os limites etnográficos nos quais me baseio. Refere-se a pessoas que atuam em um mercado de trabalho urbano, limitadas a faixas de menor rendimento com ou sem vínculo empregatício e residentes na periferia de uma grande metrópole, o Rio de Janeiro.

instituição que devem residir os maiores esforços para o seu entendimento para, a partir dela, tratar dos problemas fundamentais da região como um todo. Sendo assim, algumas questões se tornam relevantes para minha pesquisa:

- (i) Como se organizam as famílias de Vila Rosário?
- (ii) Quais são as concepções de família dos moradores?
- (iii) Que identidades sociais são construídas no âmbito das famílias?
- (iv) Como são as condições socioculturais e econômicas dessas famílias?
- (v) Quais são as concepções das famílias sobre as doenças?

A importância de compreender as famílias a partir de seus pontos de vista e das condições concretas e subjetivas que as circundam deve ser ressaltada, evitando, assim, julgamentos de valor quanto a padrões de comportamento. A ênfase nos aspectos subjetivos, inerentes às suas vivências, é fundamental à superação de um modelo reducionista para as abordagens que tendem a considerar as classes populares somente em suas necessidades materiais (Carvalho & Guará, 1994).

A proposta central de meu estudo consiste, portanto, em mostrar como se co-constroem as famílias e as identidades sociais de membros dessas famílias por meio da fala de uma das mulheres da casa, através de visitas feitas por mim, sempre acompanhada da agente Custódia. Foram escolhidas quatro famílias para compor o corpus do estudo, que se volta para o olhar das mulheres porque são essas que ficam em suas residências e foi com elas que pudemos conversar.

O presente estudo tem os seguintes objetivos:

- (i) Refletir sobre as concepções de família a partir do olhar das mulheres, no contexto das visitas;
- (ii) Entender a dinâmica da organização das famílias de Vila Rosário;
- (iii) Mostrar que construções identitárias são co-construídas, envolvendo as relações internas e externas à família, como a vizinhança;
- (iv) Entender as condições socioculturais e econômicas em que vivem os moradores de Vila Rosário;
- (v) Entender a relação das famílias com as doenças e as identidades co-construídas.

Para alcançar os objetivos propostos, utilizo a abordagem de uma macronarrativa, construída através das entrevistas de pesquisa, a partir da análise da conversa etnometodológica (Heritage e Atkinson, 1984).

A dissertação está estruturada em oito capítulos, sendo esta introdução o primeiro.

No capítulo 2, trago uma revisão bibliográfica sobre família, mais especificamente, sobre famílias de trabalhadores urbanos. São importantes para o desenvolvimento desse capítulo as concepções de família e a sua relação com a moralidade. Também fazem parte do capítulo as identidades sociais marcadas pelos papéis familiares de cada membro, o processo de “circulação de crianças” e as relações da família com o trabalho.

No capítulo 3, exponho as articulações teóricas da pesquisa, que se dão a partir da construção de identidades, da análise da conversa etnometodológica e da análise da narrativa.

No capítulo 4, apresento a abordagem metodológica da pesquisa qualitativa e interpretativa, de cunho etnográfico. No trabalho de campo, coletei entrevistas dos moradores na companhia de Custódia.

De um total de 70 entrevistas, realizadas entre março e maio de 2010, apenas quatro foram selecionadas para compor meu trabalho. Ao longo desse processo de escolha, foram levadas em conta a qualidade das gravações em áudio, visto que algumas delas apresentavam fortes ruídos que impediam o entendimento da fala dos participantes (como gritos de criança, bombas de sucção, televisão, rádio); e a apresentação de um maior número de informações sobre os integrantes das famílias. Porém, o critério mais importante se relaciona à heterogeneidade encontrada na constituição das famílias entrevistadas ao longo de minha trajetória de pesquisa. Por isso, apresento duas famílias, cujas organizações estão mais próximas de um modelo tradicional, e outras duas com claros deslocamentos de papéis entre seus membros.

No capítulo 5, analiso as construções das famílias e as construções das identidades sociais que emergem nas entrevistas. Nesse momento, apresento diferentes organizações e modelos familiares e identidades relacionadas aos papéis familiares.

No capítulo 6, trato da construção dos contextos sociais, ainda sob o olhar feminino, das mulheres entrevistadas. Na ocasião, abordarei as condições de

moradia das famílias entrevistadas, suas relações de vizinhança e o acesso ao serviços públicos.

No capítulo 7, analiso e discuto as questões relacionadas às doenças apresentadas pelos entrevistados, visando entender a relação das famílias com seus familiares doentes.

No capítulo 8, traço as considerações finais da análise.

Acredito que minha pesquisa pode trazer uma contribuição para a compreensão da construção das identidades sociais e discursivas e, principalmente, das relações de conflito e de negociação que permeiam as famílias dos trabalhadores urbanos da comunidade de Vila Rosário.